

Em busca de um acordo...

por Getulio Bittencourt

de Nova York

(Continuação da 1ª página)

retornou à Cidade do México de mãos vazias na quinta-feira passada. No mesmo dia os bancos rejeitaram a proposta de acordo colocada na mesa pela Venezuela. Ao mesmo tempo, a Argentina, com o recém-empossado presidente Carlos Saúl Menem, vem aí, e o Brasil, com uma sucessão presidencial pela frente, tem problemas. O Brasil, circunstancialmente, parece ser o menor desses problemas para o banco.

A nota oficial do Citicorp, assinada pelo porta-voz Richard Howe, diz que o encontro com Amaral e com o diretor da área externa do Banco Central, Arnim Lore, "cobriu a situação econômica corrente no Brasil, incluindo as recentes medidas econômicas adotadas pelo governo, e a situação com as instituições multilaterais, entre outros assuntos de interesse".

Rhodes entrou para a reunião no início da tarde dizendo que não sabia na-

da, e que justamente queria informações sobre o cronograma de pagamentos do Brasil. "Houve de fato várias perguntas sobre os atrasos de pagamentos", admitiria Sergio Amaral, "mas nós explicamos por que isso está acontecendo. A centralização do câmbio é uma medida de proteção das reservas. Sem reservas adequadas não teríamos uma transição política segura. Creio que eles entenderam o que fizemos e por que fizemos."

Um dos banqueiros presentes à reunião disse a este jornal que, "de um modo geral, ficamos satisfeitos com as explicações". Ele acrescentou que o governo brasileiro ficou de lançar um Exit Bond (bônus de saída) em agosto. Amaral explicaria depois que esse é o bônus previsto no acordo de 1988, e que não foi lançado ainda porque ele presupunha conversão para a OTN cambial, que foi extinta.

Será lançado agora porque o governo criou o BTN cambial, e deverá esten-

der-se por um pouco mais de US\$ 1 bilhão.

O mesmo banqueiro acrescentou que Amaral os informou de que o Brasil quer um acordo "stand by" de seis meses com o Fundo. Amaral não quis falar sobre o assunto à imprensa, limitando-se a informar que uma missão, chefiada pelo secretário-geral adjunto da Fazenda, Michal Gartenkraut, deve desembocar brevemente em Washington para conversar com o FMI. Sabe-se que não existe a figura do acordo "stand by" de seis meses. Esses acordos eram de 12 meses até alguns anos, e mais recentemente foram ampliados para 18 meses.

Mas Amaral teria ponderado aos banqueiros que, com uma eleição presidencial pela frente, o governo não pode fazer o que o México está fazendo para atender às exigências clássicas do Fundo. E foi nesse contexto que os banqueiros admitiram considerar hipóteses alternativas para liberar a segunda parcela de dinheiro novo, que por sua vez viabilizaria o pagamen-

to de juros pelo País em setembro próximo.

"Ficamos satisfeitos com o que ouvimos dos banqueiros", afirmou Amaral. "Eles estão dispostos a conversar conosco sobre o desembolso. Acham importante o desembolso, porque mostrará que o acordo do ano passado está dando resultados. Mas, de comum acordo, achamos melhor esperar uma definição das negociações com o Fundo, porque então saberemos o que será necessário para o desembolso. Se sair o acordo com o Fundo, será muito mais fácil, claro."

Arnim Lore e Sergio Amaral vão encontrar-se com diversas autoridades segunda e terça-feira em Washington. Sua agenda inclui audiências no Departamento do Tesouro, no Federal Reserve Board (Fed, o banco central americano), no Eximbank, no Comptroller of the Currency, e no Banco Mundial (BIRD). "O Eximbank, por exemplo, tem US\$ 1,5 bilhão esperando pelo Brasil", disse Amaral.